

## Resenha:

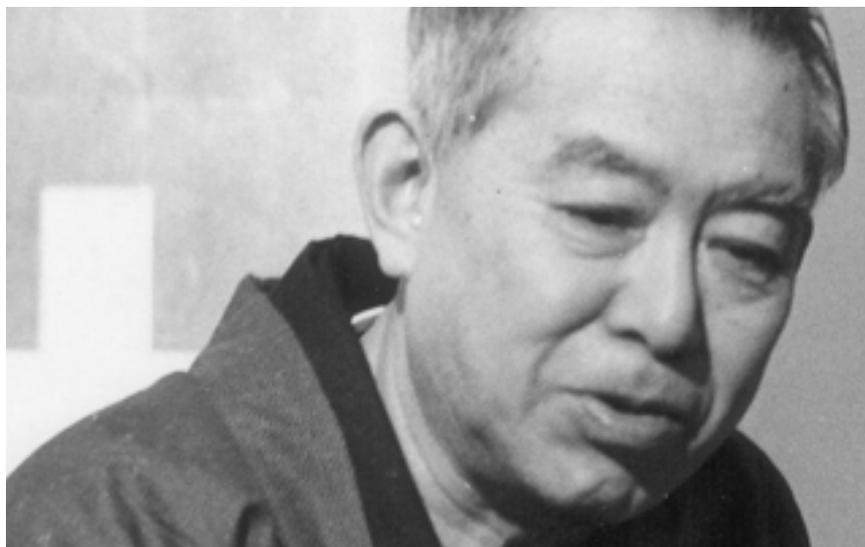
### ***O Elogio Da Sombra – A Sombra Como Metáfora.***

Mário Santiago

Junichiro Tanizaki (1886-1965)

*El elogio de la sombra*

Trad. do francês: Julia Escobar. Ediciones Siruela, Madri, 2015.



Junichiro Tanizaki. Fonte: o Globo, Cultura, 28 jan. 2017

Vivo entre formas luminosas y vagas  
que no son aún la tiniebla.  
(Jorge Luis Borges, *Elogio de la sombra*)

**Mário Santiago** foi professor da Escola de Design da UEMG (1997-2015); primeiro editor da revista *Transverso*; atualmente é editor independente (Atafona – Casa editorial dos novos autores). Contato: mstgo@uol.com.br

O subtítulo que escolhi para este texto foi tomado de empréstimo de um dos mais belos ensaios da escritora norte-americana Susan Sontag. E está igualmente formulado a partir do belo poema de Jorge Luis Borges, do qual tomo emprestadas algumas palavras para a epígrafe. Pensar é também tornar-se sensível ao pensamento através das sombras. Aliás, esta palavra me acompanha há muitos anos, ou, um pouco imprecisamente, desde o início dos anos 1980, quando eu frequentava o atelier da caríssima artista plástica Júlia Portes, lá no Bairro São Bento, aqui em Belo Horizonte. Em um dos tantos inesquecíveis momentos das nossas conversas, ao início da noite de um dia da semana, ao comentar um exercício que eu fizera numa imensa folha de papel *kraft*, a artista me perguntou – “e esta sombra aí, hein?”, ao que eu respondi – sombra também tem cor. Nada mais necessitaria, a partir daquele dia, para que a vida das sombras passasse a me acompanhar. O desenho, lamentavelmente, perdi, mas a vida entre sombras e dobras do pensamento, assim segue.

A propósito, uma das mais interessantes leituras da qual tenho quase precisa lembrança de quando se iniciou, foi quando encontrei, ao acaso, por aí, nas nuvens das ideias, comentários para ensaio de 1933 sobre a arquitetura tradicional japonesa, da autoria do não muito conhecido por aqui escritor japonês Junichiro Tanizaki. Por esse tempo, final dos anos 1990 e inícios dos anos 2000, li também um breve artigo a propósito da tradução francesa (Éditions Verdier, 1978) do mesmo ensaio, assinado pelo tradutor René Sieffert. Alguma coisa transferia o ensaio para as sombras do meu pensamento até o dia em que descobri, no Kindle, a versão em espanhol, que agora, apesar de “existir” na minha biblioteca digital, está envolta pelas sombras, das quais só sai numa ou noutra pouco explicável ocasião. O pensamento vagueia pelas bibliotecas, nas sombras da noite. Lembrando da resposta à

amiga Júlia, não são apenas os objetos e suas cores que abrigam e projetam sombras, e sou levado a pensar que os livros, as ideias, as palavras, também têm nas sombras a sua morada. Paradoxalmente, a sombra parece ser o lugar do seu não-esquecimento.

Nesse tempo, eu era professor na Escola de Design (eu saí dela, mas ela não saiu de mim) e tive a felicidade de conviver com admiráveis colegas e alunos, grandes amigos apreciadores da cultura nipônica ou descendentes de japoneses. Não seria possível esquecer as conversas com o Sebastião Pimenta (que chegava de uma longa viagem ao Japão, onde fora estudar a cerâmica tradicional) e com o Osvaldo Amaral (do qual pude ouvir e admirar o gosto que cultivava pelo delicado universo e interminável alcance gráfico do *sumiê*). Aos alunos, eu recorria para uma ajuda na pronúncia de algumas palavras que, aos poucos e por associação, iam se tornando menos estranhas para mim.

Hoje posso avaliar a importância do texto de Tanizaki para as minhas experiências do pensamento sobre as coisas pouco reveladas, pouco iluminadas, que escapam do barulho e dos excessos de luminosidade, encontráveis nas nossas experiências cotidianas. Segundo Yayoi Kawamura, no prólogo de outra edição em espanhol (Sartori Ediciones, 2015),

El elogio de la sombra es un alegato a favor de un arte y una sociedad - la japonesa - que pone en valor la penumbra, el matiz, lo sutil, esos aspectos que enriquecen y dan interés a las cosas, frente a la obviedad occidental provocada por el exceso de luz, la modernización imparable y la practicidad, que al hacer las cosas tan obvias las convierte en estridentes. 1

1. O elogio da sombra é um apelo a favor de uma arte e uma sociedade - a japonesa - que valoriza a penumbra, a nuance, o sutil, os aspectos que enriquecem e dão interesse às coisas, diante da provocação ocidental provocada pelo excesso de luz, modernização e praticidade imparáveis, que ao tornar as coisas tão óbvias, as tornam estridentes. (Tradução livre do autor)

2. [...]àquela fraca claridade, feita de luz exterior e de aparência incerta, presa na superfície das paredes cor de crepúsculo e mantendo apenas um último remanescente da vida. (Tradução livre do autor).

Isto requer que se preste atenção à importância que Tanizaki confere, na arquitetura tradicional japonesa, a “esa claridad tenue, hecha de luz exterior y de apariencia incierta, atrapada en la superficie de las paredes de color crepuscular y que conserva apenas un último resto de vida”<sup>2</sup> (TANIZAKI, 2015, s. n.)

Não só por mim, pela calma admiração que, com o tempo e muitas conversas, aprendi a nutrir pelos objetos, ideias e palavras oriundos da cultura japonesa, desde um tempo em que os primeiros “acordes” podiam ser ouvidos. Num percurso em nada cansativo e renovadamente admirador, a essas alturas da vida, já é possível compreender, num esforço silencioso, apenas imaginativo, guiado pelos sentidos, as idas e vindas aos autores que vêm contribuindo para a construção de uma espécie de galeria mental que abriga alguns incríveis nomes da expressão artística japonesa, em seus campos, vieses e matizes. Não sei se consigo explicar a forma como tudo isso se aproximou tanto de mim e o que passou a significar na minha recepção das coisas do mundo. Camadas de pensamento sobre as quais novas camadas vão se assentando para proporcionar o aparecimento de novas placas.

Nas conversas com os alunos, nas minhas aulas na Escola de Design, sempre quis passear com as sutilezas e matizes vindas do *chiaroscuro* do cinema de Ozu; dos plissados do figurino do Miyake para o balé de Frankfurt; do diálogo sombrio dos amantes, no filme (*Dolls*) do Kitano; das pinceladas poéticas do Tanahashi; dos aforismos corporais do *butô* do velho Ohno; do corte sutil da tesoura do Yamamoto para permitir um bolso no tecido preto modelado sobre um corpo alto e magro; dos objetos silenciosos do Yanagi; das histórias imaginadas e conduzidas pela memória da Hiratsuka. Pensamentos transversais, modelagens das sombras da memória, interminável coreografia de entrelaços, misturando as fronteiras impostas pelos caprichos da geopolítica.

Nas persistentes leituras deste belo ensaio do escritor japonês (os críticos encontram em Tanizaki influências da escritura ocidental); surge uma infundável possibilidade de acréscimos e justaposições, pois é da natureza da metáfora se permitir ser construída assim.

3. Em resumo, nosso pensamento prossegue de maneira análoga: acredito que a beleza não é uma substância em si mesma, mas apenas um desenho de sombras, um jogo de claro-escuro produzido pela justaposição de diferentes substâncias. Assim como uma pedra fosforescente, colocada no escuro, emite uma irradiação e exposta à luz total perde todo o seu fascínio como uma joia preciosa, da mesma forma a beleza perde sua existência se os efeitos da sombra forem removidos.  
(Tradução livre do autor)

Nuestro pensamiento, en definitiva, procede análogamente: creo que lo bello no es una sustancia en sí sino tan solo un dibujo de sombras, un juego de claroscuros producido por la yuxtaposición de diferentes sustancias. Así como una piedra fosforescente, colocada en la oscuridad, emite una irradiación y expuesta a plena luz pierde toda su fascinación de joya preciosa, de igual manera la belleza pierde su existencia si se le suprimen los efectos de la sombra. <sup>3</sup> (TANIZAKI, 2015, s. n.)

É assim que espero seguir com o pensamento, atravessando sombras.

**Recebido: 30/06/2020.**

**Aprovado: 20/07/2020**